

RESUMO - PROTOZOOLOGIA E PATÓGENOS TRANSMITIDOS POR
VETORES

**TERMOGRAFIA OCULAR COMO FERRAMENTA COMPLEMENTAR NO
MONITORAMENTO DA RESPOSTA TÉRMICA EM OVINOS INFECTADOS
POR TRYPANOSOMA VIVAX**

Nicolly Louise Posseti Ribas (271695@unifio.edu.br)

Anna Julia Gomes Cardoso (annajulia.g.cardoso@gmail.com)

Lavinia Bergamo De Castro (laviniabcastro@icloud.com)

Romaine Bento Da Silva (romainevanessa@gmail.com)

Júlia Beatriz De Miranda (julea.miranda@gmail.com)

Giovana Tinelli Arioso (giovanaarioso@gmail.com)

Fabiano Antonio Cadioli (fabiano.cadioli@unesp.br)

Breno Fernando Martins De Almeida (breno.fernando@unifio.edu.br)

Tayna Rosendo (tayna.rosendo@unesp.br)

A infecção por *Trypanosoma vivax* em ruminantes apresenta evolução dinâmica, com oscilações de parasitemia e manifestações clínicas que nem sempre ocorrem simultaneamente ao pico parasitário. Nesse contexto, a avaliação

térmica pode auxiliar no monitoramento da resposta sistêmica por métodos rápidos e não invasivos. Este estudo teve como objetivo avaliar a relação temporal entre parasitemia, temperatura retal e termografia ocular em ovinos experimentalmente infectados por *T. vivax*. Foram avaliados 32 ovinos, sendo 24 infectados experimentalmente e 8 controles não infectados, acompanhados na fase aguda de infecção por 15 dias. A parasitemia foi estimada pela técnica de Brener (1961), a temperatura retal foi aferida por termômetro digital e a temperatura ocular por termografia infravermelha com termógrafo Flir®, utilizando-se a média entre os olhos. Após teste de normalidade, as comparações foram realizadas por análise de variância para medidas repetidas, com pós-teste de Tukey, ou teste de Friedman, com pós-teste de Dunn. As associações foram avaliadas por correlação de Spearman, e a relação temporal entre picos térmicos e parasitêmicos foi analisada individualmente, adotando-se $p < 0,05$. A parasitemia apresentou comportamento flutuante, com picos individuais entre $9,80 \times 10^5$ e $1,81 \times 10^7$ parasitos/mL (mediana $8,25 \times 10^6$ parasitos/mL). Os ovinos infectados apresentaram maior temperatura retal média que os controles ($39,37 \pm 0,85$ °C vs. $38,51 \pm 0,66$ °C; $p < 0,001$). A parasitemia apresentou associação positiva, porém fraca, com a temperatura retal ($r = 0,178$; $p < 0,001$), sem associação significativa com a temperatura ocular ($r = -0,013$; $p = 0,804$). Em contrapartida, a temperatura ocular apresentou correlação moderada com a temperatura retal ($r = 0,505$; $p < 0,001$), indicando que reflete predominantemente a resposta térmica sistêmica. Na análise temporal individual, o pico da temperatura retal ocorreu em média 48 antes do pico parasitêmico em 11/24 ovinos e de forma concomitante em 10/24, enquanto o pico da temperatura ocular antecedeu o pico parasitêmico em 20/24 animais e coincidiu em 3/24. Esse padrão foi significativo para ambas as variáveis ($p = 0,003$ e $p < 0,001$, respectivamente). Esses achados demonstram que a elevação térmica ocorre precocemente ou concomitante ao pico parasitêmico, com maior antecipação pela termografia ocular. Embora a temperatura ocular não tenha se associado diretamente à magnitude da parasitemia, sua correlação com a temperatura retal reforça seu potencial como ferramenta complementar, rápida e não invasiva para monitoramento da resposta térmica sistêmica em ovinos infectados por *T. vivax*, desde que interpretada com a avaliação clínica e parasitológica.

Palavras-chave: fase aguda; febre; imagem infravermelha; parasitemia; ruminantes.